



DIANA TINOCO



A maratona inspira-se noutras iniciativas semelhantes que aconteceram nos anos 90, da autoria de coreógrafos como Meg Stuart ou Steve Paxton

MARATONA DE PROCRASTINAÇÃO

Jardim Botânico de Lisboa

6 de Maio

Com Lília Mestre, Mark Tompkins, Vera Mantero, Jeroen Peeters, Mariana Tengner Barros, João Bento e Sílvia Pinto Coelho

depois de, em 2018, a coreógrafa ter iniciado um projecto a que chamou "Escola de Procrastinação", seguido de um grupo de leitura que, já em contexto de pandemia, partilhava textos sobre "desacelerar, adiar, procrastinar, sabotar, direito ao ócio e à preguiça", em especial no âmbito dos processos de criação artística.

Ao recontar a "coreógrafos improvisadores", que descreve como "grandes pensadores do tempo-atenção", Sílvia acredita que também o público se sentirá obrigado a parar e a um questionamento que escape à obsessão com a procura de um produto final: "Tal como as conversas que nunca estão acabadas, tenho a esperança de que o próprio título anuncie ao público que não vão ver um produto final."

"Isto não está acabado"

Para Lília Mestre, a proposta é relevante também pela forma como se pensa a programação cultural no presente, sustentada numa lógica de consumo rápido. "Esta proposta assenta numa reflexão que olha para a relação com o público. É um exercício difícil pensar-se que isto não está acabado porque, na verdade, estamos constantemente a ver coisas acabadas. O que desejamos é que saia daqui com um questionamento sobre o que está inacabado e em construção."

A escolha do local não é inusitada. No jardim estabelece-se naturalmente uma ligação entre os visitantes e o cenário de árvores, plantas e flores que o compõem. "Talvez tenha a ver com uma certa vontade de mergulhar em espaços ao ar livre e tentar perceber como estamos aqui neste jardim, como estamos no mundo e como olhamos uns para os outros."

Inicialmente prevista para 2020, a Maratona de Procrastinação foi adiada devido à pandemia e, no seu lugar, Sílvia Pinto Coelho realizou oito entrevistas com criadoras e coreógrafos portugueses, que estão disponíveis na página de YouTube do TBA e são um bom princípio para entender a maratona em si.

Quanto ao que irá acontecer no domingo, a resposta só mesmo no dia se poderá revelar. Trata-se, afinal, de um processo em construção, e não de uma performance com direito a aplauso final. É também por essa razão que a maratona não se cinge apenas aos sete criadores, mas a outros artistas, performers e estudantes na área da dança que, de forma uníssona, poderão resgatar o conceito de procrastinação da sua má fama, utilizando-o como forma de provocação, como "possibilidade de escolha, improviso e resistência".

ARTES PERFORMATIVAS

Procrastinar... uma nova forma de resistência

Sete coreógrafos portugueses e estrangeiros protagonizam este domingo no Jardim Botânico de Lisboa uma Maratona de Procrastinação. Ao longo de dez horas com percursos, momentos de dança e diálogos, o improviso e o inacabado impõem-se como forma de resistência numa desaceleração face à velocidade do tempo que vivemos

Ricardo Ramos Gonçalves

ricardo.goncalves@novojapanews.pt

Na sociedade que acredita que "nada é impossível" – recorrendo ao filósofo Byung-Chul Han –, a conquista de tempo impõe-se como marca distintiva do século XXI. Da procura desmedida por melhorar a produtividade surgiram novos problemas como o *burnout*, o cansaço e a alienação, que nos tornam cativos de uma realidade vivida a grande velocidade. A antítese, neste caso, encontra-se na procrastinação, ou acto de adiar, que, inesperadamente ou não, pode ser uma forma de resistência.

Sob esta premissa, sobre a constante falta de tempo para aprofundar a reflexão nos processos criativos, a coreógrafa e investigadora Sílvia Pinto Coelho iniciou um diálogo com outros seis criadores – Lília Mestre, Mark Tompkins, Vera Mantero, Jeroen Peeters, Mariana Tengner Barros e João Bento – que, no dia 6 de Maio, vão juntar-se ao longo de dez horas, entre as 10h e as 20h, no Jardim Botânico de Lisboa, num diálogo e improviso a que decidiram chamar uma

Maratona de Procrastinação.

A ideia segue a linha de pensamento a que aderiram alguns criadores na década de 90, sobretudo na área da dança, trabalhando num modo de estar em público totalmente improvisado, como explica Sílvia ao NOVO. "Esta maratona surge muito pelo facto de constatar que cada vez mais, em eventos tanto artísticos como académicos, há menos tempo quer para investigar quer para depois partilhar e debater essa reflexão com pares."

A proposta abraçada pelo Teatro do Bairro Alto (TBA) surge

"É um exercício difícil pensar-se que isto não está acabado porque, na verdade, estamos constantemente a ver coisas acabadas", diz Lília Mestre, uma das artistas convidadas